

REVISTA

# REDAÇÃO

10/05/2015 - Ed. 17



## MASSIFICAÇÃO NAS MANIFESTAÇÕES

## POPULARES BRASILEIRAS

RENATO NUNES BITTENCOURT

O grande corpo coletivo, denominado "massa", cuja efervescência de ações muitas vezes é utilizada convenientemente pelas elites políticas como manobra para a realização dos seus objetivos



*Lucas Rocha*

### // A dengue dominou o Brasil

FABIOLA PEREZ e LUDMILLA AMARAL

O País vive mais uma vez uma vergonhosa epidemia da doença. Do início do ano até a metade de abril, 746 mil pessoas foram infectadas e um brasileiro morreu a cada onze horas vítima da enfermidade. Por que chegamos a este ponto?

### // Corrupção e a "bopização" brasileira

FÁBIO SALEM DAIE

Ao contrário do que sugere o clima atual, não há oposição alguma entre o fenômeno da corrupção e a tara policialesca generalizada. Em retrospectiva, seria possível discernir certa tendência que remonta ao Congresso eleito no ano passado, às jornadas de 2013 e mesmo à recepção de Tropa de elite (2007/2010)?

## Massificação nas manifestações populares brasileiras (RENATO NUNES BITTENCOURT)

O grande corpo coletivo, denominado "massa", cuja efervescência de ações muitas vezes é utilizada convenientemente pelas elites políticas como manobra para a realização dos seus objetivos



**AS CONSTANTES** crises estruturais que afetam as ordens nacionais na era da globalização e suas inerentes cisões sociais trazem ao palco do cenário público manifestações da categoria política e ontológica denominada massa. Contudo, a massa não aparece apenas no palco estritamente político, pois encontramos também suas manifestações em eventos esportivos, cerimônias religiosas ou aglomerações urbanas. Em todas essas intervenções sociais ela é merecedora de nossa análise, para que possamos, assim, compreender as bases existenciais nas quais sustentamos nosso tecido social.

Como fundamento teórico utilizaremos as contribuições de diversos pensadores que se detiveram na análise da erupção do espírito de massa na configuração moderna da ordem social, independentemente de suas orientações axiológicas mais conservadoras ou mais libertárias. Cabe ressaltar que pelo conceito de massa não se compreende um segmento social de baixo poder aquisitivo ou de baixa instrução educacional, tampouco a expressão política que

agrega os habitantes de um dado território, o povo. A massa é, assim, uma categoria axiológica que representa a mediocridade existencial do ser humano, despersonalizado em uma realidade social, política e cultural que se evidencia incapaz de promover a singularidade humana em suas melhores expressões e de lutar por mudanças radicais em seu modo de viver e na própria configuração política de sua sociedade administrada pelos preceitos burocráticos.

Segundo José Ingenieros (1877-1925), "o mediocre não inventa nada, não cria, não empurra, não rompe, não engendra; mas, em contrapartida, custodia zelosamente a armadura dos automatismos, pré-juízos e dogmas acumulados durante séculos, defendendo esse capital comum contra as fraudes dos inadaptados".<sup>1</sup> Nessas condições, as ações coletivas da massa de modo algum possuem disposições revolucionárias, pois estas nascem da justa indignação e da esperança de transformação radical da ordem vigente, promovendo, desta forma, o progresso global de sua sociedade, eliminando os elementos reativos que impedem as transformações políticas necessárias. As grandes revoluções sociais da história da humanidade são ações criativas multitudinárias, axiologicamente distintas dos movimentos de massa, expressões coletivas de um individualismo disfarçado como patriotismo ou luta contra a desordem política nos quadros nacionais.

### AS REVOLUÇÕES SOCIAIS SÃO AÇÕES CRIATIVAS MULTITUDINÁRIAS, DISTINTAS DOS MOVIMENTOS DE MASSA, EXPRESSÕES COLETIVAS DE UM INDIVIDUALISMO DISFARÇADO COMO PATRIOTISMO



**A MASSA**, para Ortega y Gasset, faz sucumbir tudo o que é diferente, egrégio, individual, qualificado e especial. Quem não for como todo mundo, quem não pensar como todo mundo, correrá o risco de ser eliminado

A massa atua conforme disposições heterônomas, pois ela é confusa em seus propósitos e não sabe agir criticamente, dependendo sempre de autoridades externas que exerçam sobre ela suas influências diretrizes, tal como um caminho de salvação a ser seguido sem questionamento, um pretenso fecho de luz que na verdade perpetua as trevas da ignorância do amálgama humano massificado em torno da palavra mitificada pronunciada pelo grande condutor. Dessa maneira, essas marionetes da massa acreditam piamente que agem de forma singular e por vontade própria. Conforme argumenta ainda Ortega y Gasset (1883-1955), "o homem-massa jamais teria apelado para qualquer coisa fora dele se a circunstância não o tivesse forçado violentamente a isso. Como as circunstâncias atuais não o obrigam, o eterno homem-massa, de acordo com sua índole, deixa de apelar e se sente senhor de sua vida".<sup>2</sup>

Líderes carismáticos exercem efeito magnetizador sobre a consciência mediana dos membros desse corpo político anômalo e inoculam seus venenos entorpecentes que somente potencializam os efeitos deletérios das grandes histerias coletivas.

Para alcançar o entendimento das massas, a abundância das palavras de ordem é fundamental para o sucesso dos demagogos, pois tais discursos causam um impacto similar ao de um grito de guerra, que desperta no âmago dessa pessoa seus afetos mais rústicos. Para Gustave Le Bon (1841-1931), "sendo a multidão impressionável apenas por sentimentos excessivos, o orador que quiser seduzi-la deverá abusar das afirmações violentas. Exagerar, afirmar, repetir e nunca tentar demonstrar qualquer coisa por meio de um raciocínio são os procedimentos de argumentação familiares aos oradores nas reuniões populares".<sup>3</sup>

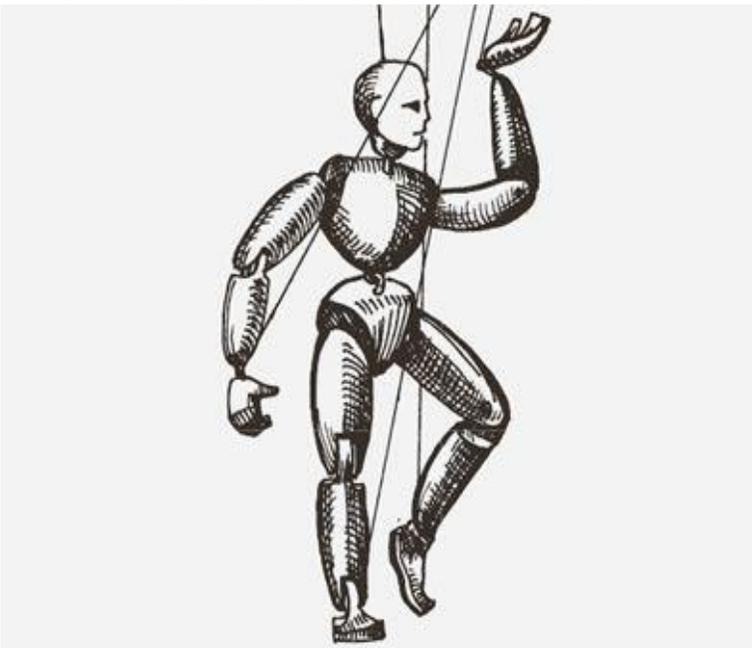
As massas não apresentam verdadeira espontaneidade em suas ações, apenas seguem estímulos intensos produzidos seja por demagogos, hábeis em catalisar as aspirações coletivas, ânsias de poder e da satisfação dos seus desejos mais rudimentares, seja por acidentes que geram descontrole emocional nesse amálgama humano aglomerado em um dado espaço circunscrito. Em ambas as situações torna-se evidente a falta de racionalidade crítica dessa turba desprovida de genuínos propósitos construtivos de transformação social e política da realidade vigente. Segundo Gabriel Tarde (1843-1904), "Basta lançar uma pedra, um grito, entoar um começo de canto; prontamente todo o mundo irá atrás, e dirão depois que essa desordem foi espontânea. Mas foi preciso necessariamente a iniciativa desse homem".<sup>4</sup>

### MASSA DE MANOBRA POLÍTICA

As massas são covardes, pois ações que jamais seriam realizadas individualmente por medo ou vergonha são praticadas sem maiores pudores pela aglutinação dessa pasta humana gregária. Essa é a grande diferença entre o homem-massa, travado em seu elã de ação e que não ousa externar seus anseios, e a figura heroica, sempre disposta a superar suas limitações pessoais e se responsabilizar publicamente por seus atos. As ações de massa não passaram pelo crivo da paciência, da reflexão, sendo assim intervenções que não raro favorecem a consolidação da barbárie no seio social. Linchamentos contra pessoas inocentes, depredações de casas de cidadãos comuns, dentre inúmeras outras atrocidades que expressam os preconceitos dessa chusma que reproduz em suas ações as cisões sociais fundamentais. Com efeito, a massa é reacionária, pois ela colabora com a própria opressão do Estado Plutocrático ao atacar com sua violência fascista os oprimidos e os deserdados. Não vemos os pretensos justiceiros da massa defenestrar os representantes corruptos dos três poderes, e mesmo quando a massa participa de mobilizações de grande vulto, em verdade ela age orientada pelos agitadores dos partidos que pretendem realizar a desestabilização nacional. Curiosamente, muitos desses políticos interessados na promoção de convulsões sociais nem sequer aparecem nas manifestações, usando essa massa humana como bucha de canhão para seus propósitos particulares. Essa massa ignorante, embotada por seu ódio difuso, é incapaz de perceber que ela só tem serventia para os agitadores políticos enquanto fazem suas passeatas/desfiles que comovem a opinião pública, mas que, logo depois de uma possível tomada de poder pelo grupo usurpador, serão descartados imediatamente.



**Ortega y Gasset afirma que o homem-massa incorpora discursos irrefletidamente sem valorizar suas diferenças no pensar**



**As massas se encontram em estado de menoridade existencial, pois alguém habilidoso é capaz de dirigi-las tal como marionetes**

Sectários da pretensa ordenação sociopolítica militar postulam que somente com a presença das Forças Armadas no comando da nação conseguiremos alcançar o progresso e o desenvolvimento estrutural que tanto sonhamos, mas esse senso comum leviano, desprovido de consciência histórica, desconhece que nos governos autoritários a arbitrariedade se torna soberana e os estragos sociais ocasionados pela corrupção são muito mais corrosivos para o bem comum da nação do que as bravatas cometidas pelos governos democráticos afastados das suas pautas originais. Mentes ingênuas afirmam que na vigência da ditadura militar brasileira (1964-1985) não houve corrupção significativa, argumento risível, pois a corrupção não afluía ao conhecimento público por não haver possibilidade efetiva de censura, pois a oposição era silenciada e muitas corporações midiáticas se prostituíram ao ilegítimo poder fascista alojado no comando do País. As massas reacionárias somente lutam pela desestabilização de regimes políticos legítimos, usando como mote palavras de ordem como "Deus" (na acepção cristã), "Pátria" (nacionalismo xenófobo) e "Família" (biparental, imputada como a única possível). A massa é racista e patriarcalista, jamais se reconhece na vida periférica dos oprimidos, dos trabalhadores explorados pela ganância empresarial;



### **AS MASSAS REACIONÁRIAS SOMENTE LUTAM PELA DESESTABILIZAÇÃO DE REGIMES POLÍTICOS LEGÍTIMOS, USANDO COMO MOTE PALAVRAS DE ORDEM COMO "DEUS", "PÁTRIA" E "FAMÍLIA"**

#### **MASSIFICAÇÃO: A MEDIOCRIDADE DO REBANHO**

Conforme Nietzsche (1844-1900), em sua análise do instinto de rebanho, "onde quer que deparemos com uma moral, encontramos uma avaliação e hierarquização dos impulsos e atos humanos. tais avaliações e hierarquizações sempre constituem expressão das necessidades de uma comunidade, de um rebanho: aquilo que beneficia este em primeiro lugar - e em segundo e terceiro - é igualmente o critério máximo de valor de cada indivíduo. com a moral, o indivíduo é levado a ser função de rebanho e a se conferir valor apenas enquanto função. dado que as condições para a preservação da comunidade eram muito diferentes daquelas de outra comunidade, houve morais bastante diferentes, e, tendo em vista futuras remodelações essenciais dos rebanhos e comunidades, pode-se profetizar que ainda aparecerão morais muito divergentes. moralidade é o instinto de rebanho no indivíduo" (NIETZSCHE, 2001, pág. 142). essa massa grotesca nada mais é do que um conjunto de pequenos homens que querem se tornar senhores, mas que jamais o serão de fato, pois o ressentimento é o motor das suas ações. Segundo Nietzsche, "a rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um 'fora', um 'outro', um 'não eu' - e este não é seu ato criador. Essa inversão do olhar que estabelece valores - este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si - é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto - sua ação é, no fundo, reação".<sup>5</sup>

As massas, assim, de modo algum podem ser categorizadas como revolucionárias, pois elas não anseiam por modificações radicais nas bases políticas da Nação, apenas clamam pela obtenção de benesses sociais que ampliem seu poder de consumo e a conseqüente satisfação material dos seus interesses privados. Não existe, portanto, genuína solidariedade entre os seus membros, expressões cancerosas da decadência política da oposição. Elias Canetti (1905-1994) destaca que "A ânsia de crescer constitui a primeira qualidade da massa. Ela deseja abarcar tudo aquilo que esteja ao seu alcance. Quem quer que ostente a forma humana pode juntar-se a ela".<sup>6</sup>



**A massa conservadora, em sua estupidez sem igual, clama pela intervenção militar, desconhecendo que isso é um atentado contra os paradigmas constitucionais democráticos**



**Massas são agregações cegas conduzidas habilmente por figuras astutas que manipulam convenientemente as flutuações de ânimo desse rebanho infeliz**

### **MOBILIZADORES DAS MASSAS**

Assistir a uma partida futebolística no conforto da sala de estar, com as imagens espetaculares da televisão, é confortável, mas é uma experiência muito menos intensa do que estar presente no estádio. Pessoas que são muitas vezes polidas no cotidiano liberam todos os seus xingamentos quando assistem a um jogo in loco. Uma explicação possível para tal fenômeno reside no contágio psicológico que a integração do sujeito na massa torcedora exerce sobre sua subjetividade, liberando suas palavras mais insólitas, que talvez nem correspondam aos seus valores pessoais efetivos. Um torcedor pode não ser racista, mas no jogo ao vivo, no calor da paixão, dejeta palavras preconceituosas contra os jogadores adversários ou mesmo os de seu próprio time. Se esse é um problema ético que evidencia a perda do controle afetivo na integração pessoal no coletivo das massas, tanto pior ocorre na violência fascista que envolve as hordas de torcedores psicologicamente embrutecidos.



**UM TORCEDOR PODE NÃO SER RACISTA, MAS NO JOGO AO VIVO, NO CALOR DA PAIXÃO, DEJETA PALAVRAS PRECONCEITUOSAS CONTRA OS JOGADORES ADVERSÁRIOS OU MESMO OS DE SEU PRÓPRIO TIME**

O futebol deixou de ser uma atividade esportiva regida pelo princípio agônico da rivalidade sadia, imbuída ainda de paradigmas estéticos, para se tornar uma guerra entre duas equipes que representam o orgulho, a virilidade e as paixões reprimidas dos seus torcedores, ávidos de vitórias sobre seus inimigos, em nome de sua hegemonia. O grande absurdo reside no fato de que hordas fascistas que se denominam torcidas organizadas frequentam os estádios não apenas para celebrar e apoiar seu time em todas as ocasiões, mas em especial para se envolverem em brigas com outras facções, ou mesmo com torcedores comuns, ou ainda com as forças policiais. Constantemente vemos os estragos cometidos por essa massa humana reduzida ao nível da barbárie mais rudimentar e, muitas vezes, os responsáveis são os próprios dirigentes futebolísticos, que, promiscuamente relacionados com essas turbas criminosas, lhes dão ingressos para que acompanhem os jogos do clube querido pelos estádios País a fora, para que em troca recebam sustentação política. Quanto mais um clube de futebol é instável politicamente em suas camadas diretoras, mais ele depende do apoio das hordas torcedoras, mas o preço a se pagar é muito caro, pois a imagem comercial do clube é desvalorizada inapelavelmente quando a brutalidade da torcida organizada apronta suas barbaridades estúpidas. O amadorismo dos dirigentes permitiu que essa massa fascista se apropriasse do cenário futebolístico, e depois de tanto se fortalecer politicamente, torna-se praticamente impossível erradicar esse mal do mundo futebolístico.

**Por não analisar cuidadosamente as informações recebidas dos meios de comunicação de massa, produtores de discursos heteróclitos, as massas efetivam as mais bizarras ações**

No âmbito religioso podemos também encontrar manifestações da massa, facilmente doutrinação pelo magnetismo carismático dos pastores de almas, cada vez mais perspicazes no exercício do controle mental sobre a subjetividade dos fiéis. A devoção religiosa, expressão do sagrado que se pauta na singularidade, é deixada de lado em nome de uma histeria coletiva ruidosa, pois o barulho estridente produzido pelos cânticos cacofônicos torna a massa de fiéis suscetível aos apelos normativos desses guias religiosos, geralmente pouco preocupados com a salvação espiritual do seu rebanho e muito focados no dinheiro que podem extorquir desses infelizes alienados. Para Gabriel Tarde, "os homens reunidos são muito mais crédulos que cada um deles tomados à parte; pois o simples fato de sua atenção concentrar-se num único objeto, numa espécie de monoideísmo coletivo, os aproxima do estado de sonho ou de hipnose, em que o campo da consciência, singularmente retraído, é tomado por inteiro pela primeira ideia que se apresenta".<sup>7</sup>



**Em eventos esportivos, em especial nos jogos de futebol, paixão nacional, é bastante frequente observarmos a ação explosiva das massas**

As massas religiosas são virulentas, odiosas, desprovidas de senso de transcendência, e se relacionam com o divino apenas pela esperança de obterem benefícios materiais imediatos, fazendo da experiência religiosa um escambo para com a dimensão divina, convertido em concessor de créditos e vantagens aos fiéis, tal como um grande banqueiro, que exige apenas devoção cega dessa massa seguidora. A (mal) dita Teologia da Prosperidade é própria do homem-massa agregado ao serviço religioso, fruto da conversão da vivência sagrada ao materialismo grosseiro, em que as mais sublimes aspirações espirituais do ser humano cedem lugar para a satisfação das necessidades imediatas da vida comum.



O amor, a paz e a tolerância, que deveriam ser as disposições primordiais dos devotos religiosos, tornam-se meras palavras vazias em seus corações. Por conseguinte, o amor ao próximo só existe no papel, pois, envenenada pelo espírito de ressentimento, a massa religiosa, extremamente fanática e fundamentalista, deseja destruir tudo aquilo que não lhe é semelhante. Uma pessoa que de fato está em conexão com a dimensão sagrada vive harmoniosamente sua existência, e mesmo quando sofre adversidades cotidianas, é capaz de perseverar na superação dos seus problemas, sem se fiar única e exclusivamente na ação soteriológica da divindade cultuada; mais ainda, essa pessoa não olha os sectários de outros cultos com desdém, mas antes os compreende como mais uma expressão da multiplicidade divina manifestada no âmbito da religiosidade.

### **O ódio contra a diferença e a instabilidade emocional são a tônica das vidas dos fiéis massificados**

As massas religiosas são avessas tanto aos princípios do ecumenismo como aos do sincretismo, sinais criativos da capacidade humana em estabelecer diálogos entre diversas expressões culturais e tradições do âmbito sagrado. Em um momento histórico no qual a consciência progressista humana se expande cada vez mais e valoriza a essência sagrada existente nas mais diversas vivências religiosas, a militância sectária das massas religiosas prega até a violência contra os adeptos de credos distintos, fanatismo doentio perigosíssimo para a paz social. Um fiel que não respeita rigorosamente os direitos religiosos de outrem não é convicto em suas próprias crenças, e tudo faz para homogeneizar a ferro e fogo o mundo religioso. A boca do fiel religioso reacionário enuncia de forma blasfema o nome de Deus, mas expele pelos seus orifícios inferiores as chamas e o enxofre do inferno. O



fundamentalismo não existe apenas no outro, mas mesmo nas religiões que são baluartes da cultura ocidental. Ao longo deste texto vimos alguns aspectos da consolidação do espírito de massa na conjuntura de nossa realidade social. Não queremos o retorno de uma estrutura nobiliárquica ou aristocrática fundamentada em títulos sociais ou chancelas políticas. O que cabe é a formação de uma experiência cultural que promova as singularidades pessoais independentemente de suas condições econômicas ou materiais. Para tanto, é imprescindível a instauração de uma reforma em nossas instituições educacionais e midiáticas, as instâncias que promovem a moldagem da consciência humana em seus caracteres culturais e informativos, respectivamente. Contudo, o trabalho para o porvir será árduo, pois tanto nosso modelo educacional como as emissões midiáticas são convergentes com a manutenção da ordem medíocre, pois o sistema de ensino vigente é incapaz de promover a criatividade intelectual dos estudantes e dos professores, valorizando a singularidade dessas pessoas envolvidas no universo educacional, e os conteúdos midiáticos reforçam os estereótipos, os preconceitos e as opiniões dogmáticas perpetuadas no decorrer das eras.

<sup>1</sup> INGENIEROS, 2006, pág. 59

<sup>2</sup> ORTEGA Y GASSET, 2002, pág. 95

<sup>3</sup> LE BON, 2006, pág. 52

<sup>4</sup> TARDE, 2005, pág. 155

<sup>5</sup> NIETZSCHE, 2000, págs. 28-29

<sup>6</sup> CANETTI, 1995, pág. 15

<sup>7</sup> TARDE, 2005, pág. 50

#### **REFERÊNCIAS**

CANETTI, Elias. **Massa e Poder**. trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.  
INGENIEROS, José. **O Homem Medíocre**. Trad. de Lycurgo de Castro Santos. São Paulo: Ícone, 2006.  
LE BON, Gustave. **Psicologia das Multidões**. Trad. de Mariana Sérvulo da Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2006.  
NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.  
\_\_\_\_\_. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. Trad. de Marylene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 2002.  
TARDE, Gabriel. **A Opinião e as Massas**. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

---

**RENATO NUNES BITTENCOURT** é Doutor em Filosofia pela PPGF-UFRJ. É professor da FACC-UFRJ e doc urso de especialização em pesquisa de mercado e opinião pública UERJ. **Revista FILOSOFIA, Maio de 2015.**

## A dengue dominou o Brasil (FABÍOLA PEREZ e LUDMILLA AMARAL)

O País vive mais uma vez uma vergonhosa epidemia da doença. Do início do ano até a metade de abril, 746 mil pessoas foram infectadas e um brasileiro morreu a cada onze horas vítima da enfermidade. Por que chegamos a este ponto?



**O EMPRESÁRIO** Frederico Leitão, 34 anos, de São Paulo, não sabe se voltará a enxergar totalmente com seu olho esquerdo. Sua capacidade de visão foi afetada depois que ele se tornou mais um brasileiro infectado pelo vírus da dengue. O vírus causou uma neurite óptica (inflamação do nervo óptico), doença que chegou a tirar-lhe 90% da visão. Hoje, recuperou 70% dela, mas teme não tê-la completamente restaurada. O drama do empresário, dono de uma gráfica, começou no final de março, quando surgiram os primeiros sintomas da doença. A febre, as dores no corpo e nos olhos foram a senha para um inferno que já dura mais de um mês. Primeiro, foi a preocupação com o trabalho. "Não podia repousar por mais de dois dias porque teria prejuízo", conta. Depois, a dor no olho que não passava e a perda quase total da visão. "Fiquei apavorado", lembra. Após ser atendido por dois oftalmologistas, um neuro-oftalmologista e, finalmente, por um neurologista, ele ficou nove dias internado. Agora, continuará o tratamento.

Registrar a história de Frederico é fundamental. Assim como as de Laís Garcia, 25 anos, e a de seu pai, Henrique Garcia Júnior, 54 anos, e a de Sheila Storel, 38 anos, relatadas nesta reportagem. Eles estão entre os 746 mil brasileiros que tiveram dengue de janeiro até meados de abril, mas quando os números atingem um patamar assim tão dramático, corre-se o risco de passar-se a enxergar a situação somente como um fenômeno incômodo de saúde pública. Perde-se de vista o fato de que cada uma dessas 746 mil pessoas teve sua vida transtornada por causa da doença – e isso, essa dimensão individual, não pode ser pulverizada em estatísticas. Alguns mais, outros menos, todos foram obrigados a se deparar com um sistema de atendimento que não dá conta de prestar auxílio a tanta gente, perderam dias de trabalho, de estudo, de descanso. Sem falar nos 229 cidadãos que morreram até agora em uma epidemia que deveria ter sido evitada.

Hoje, o Brasil é um país acuado pela enfermidade. Em São Paulo, há 401 mil casos. A ameaça da doença tornou-se assunto recorrente e sua prevenção, em muitos casos objeto de obsessão. O empresário Victor Stockunas, 59 anos, preside o condomínio onde mora, em Alphaville, região metropolitana de São Paulo. Colocou na portaria uma placa com os dizeres 'Agora é guerra'. Também determinou que os seguranças visitem as casas para saber se as medidas de prevenção estão sendo seguidas para evitar o surgimento de criadouros do *Aedes aegypti*, o mosquito transmissor do vírus responsável pela doença. "Cada um deve fazer a sua parte", prega.

A venda de repelentes explodiu. O laboratório Osler, fabricante do repelente Expositis, aumentou em onze vezes sua capacidade de produção para atender as farmácias. De janeiro a abril de 2014, foram produzidos 100 mil frascos do produto. No mesmo período deste ano, o número subiu para 1,1 milhão de unidades. Nas redes de farmácias, o volume de vendas é expressivo. Nas contas da Drogaria São Paulo, houve crescimento de 107% em vendas de repelente comparado ao primeiro bimestre de 2014. Na Ultrafarma, a elevação foi de 195% em relação à 2014. "Nas lojas físicas, em São Paulo principalmente, mudamos o posicionamento dos repelentes que antes ficavam junto aos produtos de verão. Agora, eles ficam no Caixa, com mais visibilidade", afirma Marcos Ferreira, vice-presidente da Ultrafarma.

Em muitas escolas, a rotina mudou. Na Kid's School, em Cotia, na Grande São Paulo, as crianças são informadas sobre a importância de se proteger com repelentes e o que fazer para evitar a formação de criadouros. "Professores e funcionários passaram a usar repelente todos os dias", conta Cátia Pacicco, coordenadora pedagógica da escola. Na UP School, em São Paulo, há pulverização com inseticida quinzenalmente. "Também solicitamos à prefeitura a visita de agentes sanitários", diz Patrícia Lozano, diretora pedagógica.

Nos serviços de saúde, imprimiu-se a atmosfera do caos. Centros públicos estão lotados, obrigando a instalação de tendas para tratamento. Na que foi montada na Brasilândia, um dos bairros da capital paulista mais atingidos, já foram realizados 3,7 mil atendimentos desde abril. O local é uma parceria do Hospital Israelita Albert Einstein – um dos mais sofisticados entre as instituições privadas do País – com a Secretaria Municipal de Saúde. Uma equipe com seis médicos, cinco enfermeiros, seis técnicos em enfermagem, três técnicos administrativos e quatro biomédicos prestam o atendimento. Eles saem do hospital, no Morumbi, na zona sul, às seis e meia da manhã, para dar conta de começar a atender na Brasilândia, do outro lado da cidade. "Quando chegamos já tem gente esperando", conta o infectologista Alexandre Marra.

"Trabalhamos mais do que no Einstein, mas queremos ajudar", diz a enfermeira Maria Roza de Oliveira.

A realidade é menos dura nos hospitais privados, mas mesmo assim houve dias nos quais era preciso esperar horas por atendimento. No Einstein, desde janeiro foram realizados treinamentos com profissionais do pronto-atendimento. No Hospital Sírio-Libanês, também um dos mais sofisticados do País, houve crescimento de 40% no número de pacientes atendidos em comparação ao mesmo período do ano passado. O hospital reforçou a equipe de médicos, enfermeiros e infectologistas e instalou 15 novas poltronas de observação para acomodar mais pacientes.

Muitas razões explicam a gravidade da situação. Algumas são pontuais. Houve a volta da circulação do tipo 1 do vírus (são quatro). Muita gente não havia tido contato com ele e, portanto, não havia desenvolvido anticorpos. Na região Sudeste, particularmente em São Paulo, devido à crise hídrica muitos moradores estocaram água sem o cuidado adequado, aumentando os criadouros.

Mas há origens crônicas por trás do desastre da dengue. Em primeiro lugar, a política de prevenção, que deveria ser executada de forma contínua pelas esferas federal, estadual e municipal de governos, é falha. E na linha de frente do atendimento ainda hoje encontra-se casos que não recebem o correto diagnóstico ou não são identificados como de risco. Depois, há deficiências estruturais nunca resolvidas que contribuem demais para a repetição das epidemias no País. Entre elas, uma urbanização sem planejamento que ignora a instalação de redes de saneamento básico, de um sistema eficiente de coleta de lixo e que leva ao fim de áreas para o escoamento de água.

"A dengue é a doença que mais retrata a urbanização caótica em que vivemos", diz o infectologista Artur Timerman, autor do livro *Dengue no Brasil, Doença Urbana*. Se nada for feito, o País continuará sujeito a desastres como o atual. E pode piorar, com a ocorrência também de epidemias do vírus Chikungunya, transmitido pelo mesmo *Aedes aegypti*. "É uma questão de tempo para que a febre chikungunya se torne outra epidemia", diz Fernando Gatti Menezes, coordenador médico do Serviço de Controle de Infecção Hospitalar do Albert Einstein.



**SOCORRO**  
Em Rio Claro (SP),  
há atendimento  
em tendas

---

**TRATAMENTO**  
Frederico  
tenta recuperar  
a visão do olho  
esquerdo,  
comprometida  
por causa da  
doença

---





## DOSE DUPLA

Em abril, a relações públicas Laís Garcia, 25 anos, teve diagnosticada dengue hemorrágica. Ficou quatro dias internada, faltou na aula da faculdade e deixou de trabalhar por oito dias. Mas a internação serviu para que a jovem decidisse parar de fumar. "Repensei meus hábitos." Na rua onde mora em São Paulo, muitas pessoas foram infectadas. Inclusive seu pai, o corretor de imóveis Henrique Garcia Júnior. O foco provavelmente está em um terreno vazio.

## SUSTO NA GRAVIDEZ

A empresária Sheila Storel, 38 anos, foi diagnosticada com dengue uma semana antes da cesárea marcada para o nascimento de Chloe, agora com um mês. "Tive medo de ter passado para ela. Passei momentos muito difíceis", lembra. Quando tudo parecia ter se normalizado, na noite anterior ao nascimento de Chloe, seu marido, Ivan, descobriu que também tinha a doença.

Ele conseguiu ver o nascimento da filha, mas não pode acompanhar a mulher e a bebê nos dias seguintes.

Chloe nasceu saudável.





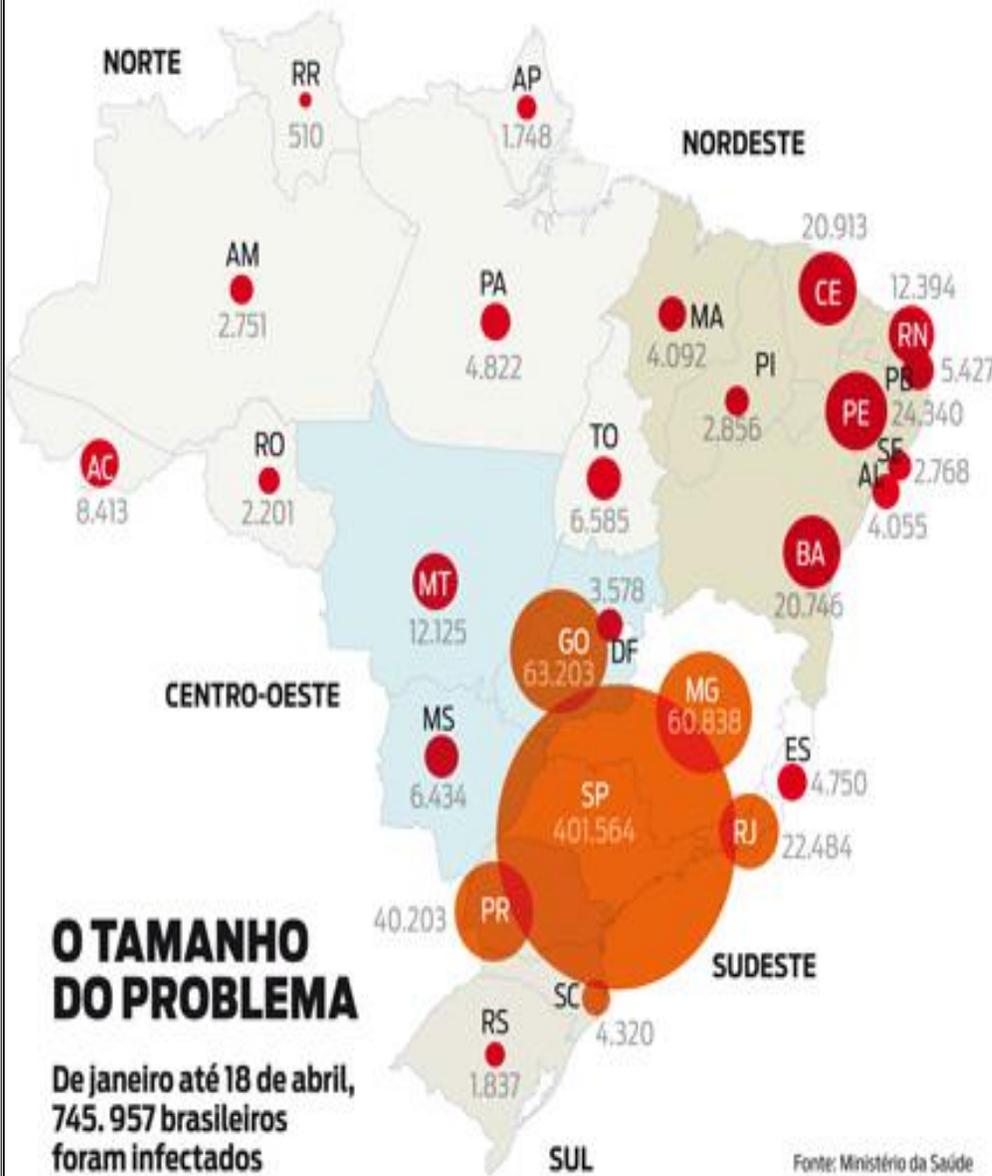
# ESTADOS COM MAIORES ÍNDICES DE MORTES



## COMO SE PREVENIR

Algumas medidas que ajudam

- 1 Não deixar água parada em recipientes como vasos
- 2 Limpar periodicamente calhas para que a água da chuva não fique empocada
- 3 Vasilhas de água de cães, gatos e pássaros devem ser lavadas semanalmente
- 4 Tampar caixas de água
- 5 Tampar adequadamente cestos de lixo
- 6 Usar repelentes. Os recomendados são os que contêm icaridina e DEET
- 7 Vestir-se com calças compridas e usar sapatos fechados (o mosquito costuma picar pés e pernas)
- 8 Instalar telas de proteção anti-mosquito nas janelas
- 9 Usar mosquiteiros sobre as camas
- 10 Quanto ao consumo de vitamina B12, não há comprovação científica



## O TAMANHO DO PROBLEMA

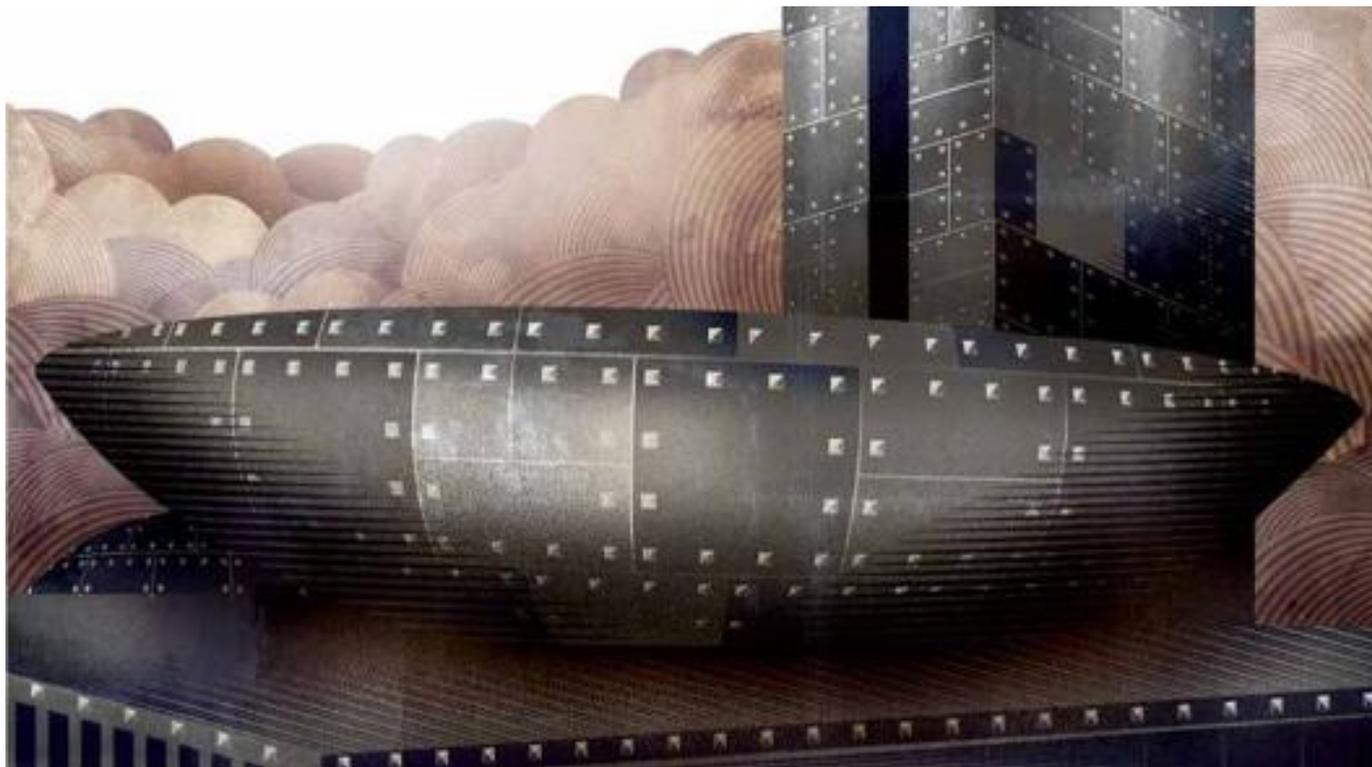
De janeiro até 18 de abril, 745.957 brasileiros foram infectados

Fonte: Ministério da Saúde

FABÍOLA PEREZ e LUDMILLA AMARAL são Jornalistas e escrevem para esta publicação. Revista ISTO É, Maio de 2015.

## Corrupção e a “bopização” brasileira (FÁBIO SALEM DAIE)

Ao contrário do que sugere o clima atual, não há oposição alguma entre o fenômeno da corrupção e a tara policiaesca generalizada. Em retrospectiva, seria possível discernir certa tendência que remonta ao Congresso eleito no ano passado, às jornadas de 2013 e mesmo à recepção de Tropa de elite (2007/2010)?



### QUE horas são?

Gostaríamos de propor uma hipótese: em 2015, quanto mais prementes forem os reclamos legítimos de setores da sociedade brasileira, mais fortemente o tema da corrupção será explorado por políticos e pela mídia corporativa. Fica a pergunta: quanto esse discurso denunciante, atualmente generalizado, fala à verdade do tempo? Quanto a corrupção, por si, tem a dizer sobre o sentido de nossa trajetória contemporânea?

No início de 2014, o historiador inglês Perry Anderson publicou um texto intitulado “O desastre italiano”,<sup>1</sup> em que analisou a situação da corrupção no bloco europeu, com ênfase na Itália e na trajetória do empresário (e hoje político) Silvio Berlusconi. Que a União Europeia nada em rios lamacentos de crimes do colarinho branco já há alguns anos, isso não é novidade. O forte da análise de Anderson é a elucidação de quanto, nas chamadas velhas democracias, pôde se formar uma elite político-financeira que se retroalimenta dos jogos de poder, cede os anéis para não perder os dedos, dissimula e negligencia sem pejos *to get the job done*.

Lendo nas entrelinhas, Anderson atribui as causas da sujeira atual a três fontes principais: a) o esvaziamento de ferramentas de efetiva participação popular na política, bem como na fiscalização de leis aprovadas e de representantes eleitos; b) certa cultura privatista, instalada na política a reboque das reformas neoliberais, que substituiu valores como seguridade social e direitos civis (legados do *Welfare State*) por valores de mercado (do consumo à exclusividade), inclusive entre servidores públicos; c) o impacto socioeconômico das desregulações ocorridas principalmente no setor financeiro, que são resultado, entre outras coisas, da chamada “porta-giratória” existente entre as mesas diretoras dos grandes bancos e os cargos estratégicos nas instituições financeiras de muitos países.

Contudo, parece que, no Brasil, o tipo de leitura de Perry Anderson – que visa articular corrupção e opções históricas da Economia Política – está completamente ausente. E isso a despeito de depoimentos de Augusto Ribeiro de Mendonça,<sup>2</sup> dono da Setal Engenharia, e de Ricardo Semler,<sup>3</sup> que apontam certa inflexão no caráter da corrupção a partir da onda neoliberal ocorrida no país na década de 1990. Em que pesem tais exemplos, a ênfase no denunciamento da corrupção – que opta por agravos personalistas – continua.

Talvez fosse válido lembrar que algo desse discurso já estava presente nas jornadas de junho de 2013. Recentemente, à causa do Congresso Nacional conservador eleito em 2014,<sup>4</sup> muito se falou a respeito daquelas jornadas. Alguns viram aí uma grande contradição entre as manifestações e o perfil dos representantes escolhidos pelo povo.<sup>5</sup> Outros observadores usaram conceitos específicos para explicar o que houve: um *backlash*,<sup>6</sup> termo político para definir reação violenta derivada

de um fato anterior. As interpretações foram muitas. A essas, quem sabe poderíamos acrescentar uma que nos conecte com o denunciamento da corrupção, onipresente no início de 2015.

Para começar, quando o assunto são os protestos de 2013, é preciso traçar uma linha fundamental, esquecida por alguns comentaristas: não houve apenas um junho. Como todo movimento popular de monta, esse também foi complexo e admite, se quisermos, muitos momentos. Ficaremos, por agora, com dois. O “primeiro junho” (cuja largada teve início meses antes) foi marcado por alguns milhares de manifestantes, unidos ao Movimento Passe Livre (MPL), contra o aumento da tarifa de ônibus em diversas capitais. Com essa pauta central – que levou à derrota política de administrações municipais e estaduais – coexistiam outras duas: o direito à cidade na defesa do transporte gratuito e a defesa do próprio direito de manifestação (alimentada pela truculenta reação, física e ideológica). Como vemos, são pautas pontuais e intrinsecamente conectadas. Dito isso, muitos dos primeiros manifestantes agredidos pela PM nada tinham a ver com os depois tão afamados Black Blocs, e sua denúncia da repressão ganhou repercussão com as balas de borracha e o gás, também reservados a gente da imprensa. Na televisão, o comentarista da Rede Globo, Arnaldo Jabor, vociferava pedidos de criminalização dos manifestantes, defendendo a truculência policial em clichês antológicos (“justamente, a causa deve ser a ausência de causa”). Vale notar que Jabor propunha – como pauta para tais “protestos sem causa” – a luta contra o Projeto de Emenda Constitucional n. 37 (PEC n. 37), que teria a função de limitar as investigações do Ministério Público Federal. Já existia ali, portanto, o tema latente da corrupção.

Mais integrado e menos apocalíptico, o departamento de jornalismo da Globo punha em prática engenho mais sutil: veiculava cenas dos primeiros cuidados recebidos por policiais feridos nos confrontos, bem como de pacatos moradores intimidados pela turbamulta. Corria a primeira quinzena do mês. Os grandes veículos de comunicação se uniam na condenação geral do movimento. Em 13 de junho, o título do editorial do jornal *O Estado de S. Paulo* dava o tom da bronca: “Chegou a hora do basta!”. Citando o “vandalismo” dos “baderneiros”, pedia o fim da moderação (*sic*) na política de segurança pública e a profusão dos castigos.

Tudo deveria correr bem, segundo o *script* usual da república das bananas, não fosse um contratempo: as manifestações cresceram. É neste ponto que os fatos desafiam a leitura. Caso elas tivessem crescido no sentido do fortalecimento da pauta única – transporte público e direito à cidade –, seria talvez mais fácil reclamar seu triunfo sobre o conservadorismo. Como sabemos, não foi isso o que ocorreu. Os últimos dias de junho registraram um aumento exponencial da participação popular em todo o país, paralelo a uma diversificação das reivindicações. Foram espontâneas? Eis um embrulho difícil de ser denudado. Contudo, a título de sugestão, recobremos certa sequência do chamado “segundo junho”.

Na quarta-feira, 19, após seis manifestações, o governador do estado de São Paulo e o prefeito da capital vieram a público revogar o aumento das tarifas. O mesmo sucedeu no Rio, onde o prefeito, Eduardo Paes, anunciou redução de R\$ 2,95 para R\$ 2,75. No fim da semana – passados quase quinze dias do início dos protestos –, a capa da revista *Veja* fez a primeira menção às manifestações: “A Revolta dos Jovens: depois do preço das passagens, a vez da corrupção e da criminalidade?”. A proposta de Jabor fora ouvida e retornava, ao que tudo indicava, amplificada. Na página 84, lia-se: “Os jovens já marcharam pela paz, democracia e liberdade. Os de agora vão às ruas para baixar o preço das passagens. Mas isso é tudo?”. Depois da revogação, a Rede Globo seguiu a mesma trilha e começou a divulgar “novas causas” surgidas nas ruas. No dia 20 de junho, o *Jornal da Globo* deu ao ar reportagem em que destacava o clima nacionalista e cujo remate foi: “Enquanto marchavam, os manifestantes deixavam claro que o protesto era acima de tudo pelo Brasil”.

Na internet pipocavam ideias de pautas paralelas. O número de manifestantes alcançou a cifra dos milhões, e o rechaço à corrupção assumiu a linha de frente. Em 22 de junho, uma passeata contra a PEC n. 37 saiu do vão do Museu de Arte de São Paulo (Masp) rumo à Praça da Sé. Nas ruas, proliferaram cartazes contra o senador Renan Calheiros (PMDB) e políticos envolvidos em escândalos. O fim do desvio de dinheiro público e da impunidade aos membros da elite política se tornou ponto crítico. Enquanto isso, aumentava a violência nas passeatas contra pessoas identificadas com partidos e sindicatos, o que levou o MPL a publicar nota condenando tais agressões.<sup>7</sup> Ou seja, ao mesmo tempo que houve diversificação dos reclamos populares, ocorreu uma ascensão da postura jurídico-policial (de tom ufanista) em detrimento de distinções ou filiações políticas.

Por causa da variedade das palavras de ordem alçadas, comentaristas chegaram a atribuir (e seguem atribuindo) a esse período pautas como a democratização do sistema político ou mudanças profundas nas instituições da República. Parece um equívoco. Se é correta nossa leitura, esses supostos reclamos são uma construção *ex post facto* de setores da esquerda e se vinculam na realidade aos “cinco pactos” divulgados pela presidenta Dilma no dia 24 de junho. Entre esses pactos, e não nas ruas, constava a proposta da reforma política.

O “segundo junho” não expressou reclamo algum por reforma política, eleitoral ou tributária, embora isso não as redima como desafios urgentes. Seu significado se aproxima mais da transformação de luta defensiva contra o aumento da tarifa de ônibus (na primeira fase das manifestações) para uma guinada conservadora, perfeitamente compatível com a composição do Congresso Nacional eleito em 2014. Nesse sentido, ao contrário do que viram analistas, não houve contradição ou *backlash* algum. Mesmo porque seria preciso levar em consideração as distorções proporcionadas pelo atual sistema de coligações partidárias durante o período eleitoral; sistema que, como se sabe, beneficia muitos candidatos com votação inexpressiva.

Tais distorções – mencionemos também as que facultam o patrocínio privado de campanhas políticas – constituem a *real contradição* existente entre as manifestações de 2013 e as eleições de 2014. Tanto é assim que, na velha tradição da

modernização conservadora, uma tímida tentativa de atenuá-las segue em disputa no atual governo (vide a comissão especial liderada no início deste ano por DEM e PMDB para realizar a reforma política sem Constituinte exclusiva, proposta original do PT). O “segundo junho” deixava o âmbito da ação política e virtualmente ilegal da primeira fase para adentrar o terreno controlado da legalidade e pela legalidade. Expressão disso é a distinção, então difundida largamente, entre “manifestantes” e “vândalos”, entre “defensores do Brasil” e “baderneiros”. Tendo como sintoma a *fixação na corrupção*, o “segundo junho” de 2013 já dizia algo sobre 2015.

### A “bopização” brasileira

O denunciamento da corrupção detém especificidade: é modalidade de discurso aparentemente política e progressista, mas se abriga, no fundo, no lado apolítico e no conservadorismo. Sua força está em passar-se por uma coisa sendo outra. E, tal qual os cartuns de Mickey Mouse da década de 1930 – em que Walter Benjamin viu recompensa às retinas fatigadas de perscrutar uma realidade oblíqua –, o denunciamento também nos oferece uma sedutora recompensa, desenredando as tortuosas conexões da guerra ideológica e dos conflitos de classe para apresentar um problema único, supostamente simples, que exclui as tensões sociais. Antes o contrário: une as classes ao redor de um inimigo interno comum, assim como a Guerra das Malvinas fez, nos anos 1980, no contexto da ditadura argentina.

Sua intensidade atual deveria nos desafiar a reler o passado. Em termos socioeconômicos, falou-se no encerramento de um ciclo encabeçado pelo PT. Em termos culturais, é possível que um dos sentidos profundos da guinada conservadora recente seja o processo de “bopização” (da sigla Bope) que vem ocorrendo desde, pelo menos, a consolidação neoliberal nos anos 1990. Para tentar diagnosticar esse efeito, falemos um pouco do sucesso de *Tropa de elite – Missão dada é missão cumprida* (2007) e *Tropa de elite – O inimigo agora é outro* (2010), do diretor José Padilha.

Centradas na ação do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope) do Rio de Janeiro, as duas produções receberam grande atenção, e a primeira chegou a ser distinguida com o Urso de Ouro do Festival de Berlim, em 2008. Capitão Nascimento (personagem de Wagner Moura) virou capa da revista *Veja* como “o primeiro super-herói brasileiro”, alcunhado pela publicação de “o incorruptível”. A eficiência dos filmes tem muito a ver com a dualidade insuspeita do discurso conservador que se passa por progressista, vinculando-se ao processo de elaboração ficcional. O título de estreia, em 2007, concentra-se na construção idealizada do destacamento do Bope e de seu líder. As simplificações – à *la* Mickey Mouse – são inúmeras: “Polícias regulares estão simplesmente no caminho, assistentes sociais são irremediavelmente ineficazes e ingênuos, e jovens ricos maconheiros são tão maus quanto traficantes”.<sup>8</sup> A lógica do primeiro *Tropa de elite* poderia ser resumida assim: ou você tem uma caveira bordada no peito, ou você é traficante entocado no alto do morro. Nenhum dos dois? “Não vai subir ninguém.”

Liberando todo mundo da solução do problema da violência – porque seu entendimento como questão social foi, juntamente com os intelectuais de esquerda, ridicularizado –, e liberado ele mesmo pela reputação adquirida no filme de estreia, capitão Nascimento está pronto para alçar voos na continuação (2010). Lotado na Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, agora ele se empenha em combater “o sistema” desde a cúpula. “Se o Bope tratasse político corrupto como trata traficante, o Brasil seria um país melhor.” A frase é perturbadora. Aproximando a natureza dos indivíduos e dos delitos (no caso, políticos corruptos e traficantes), a corrupção se torna não *um grave sintoma de degradação da República*, mas outro crime ordinário. Como tal, demanda, segundo *Tropa de elite*, ação policial ostensiva (investigação, julgamento, pena), dispensando qualquer exigência de repensar a democracia e seus dispositivos de participação.

A distorção não para aí. Ao pintar a corrupção como crime comum, perde-se de vista sua especificidade – ela não pode ser medida como se medem, por exemplo, furtos e latrocínios – e, por consequência, perde-se também o conhecimento das razões que a retiraram dos porões da sociedade. Menoscabada como questão social, em *Tropa de elite* não resta interpretação possível à corrupção senão como praga endêmica contra a qual se batem os cavaleiros templários do culto da caveira. O resultado é a decretação da falência do Estado, da própria política e, conseqüentemente, a legitimação da violência. De qual violência?

Por certo não aquela do monopólio legal estatal, mas outra, realizada por seus agentes especiais para além (e mesmo contra) qualquer direito assegurado. Só isso já seria o suficiente para que o frenesi e a larga aceitação da figura do capitão Nascimento acendessem, à época, um sinal de alerta na torre. Ignorado o primeiro alarme, o segundo emergiu de forma trágica: não há abismo entre as operações de busca e destruição do capitão, no filme, e os atos de justicamento empreendidos por civis em anos recentes. Em todos eles, na berlinda estava a égide do Estado. Desacreditada, não em favor de um novo projeto coletivo, e sim do isolamento do indivíduo – que procede segundo seus próprios mandamentos –, reaparecia na vida real a contraparte do fenômeno da corrupção elidida em *Tropa de elite*: a desagregação social. Parte desse problema da desagregação é a acomodação, entre as classes baixas, da ideologia da classe dominante que vê o banditismo como mero caso de polícia.

A relação corrupção e polícia torna-se ainda mais clara à medida que mergulhamos no fosso da brutalidade. Como notou o teórico inglês Raymond Williams, a partir da década de 1970 “há um fluxo [...] de uma forma nova e perigosa de legitimação da violência pelas forças da ordem: o detetive racionalmente penetrante tem sido com frequência substituído, nos centros dominantes de produção dramática em massa, pelo policial oficial rígido, indistinguível física e etnicamente dos que ele persegue e pune”.<sup>9</sup> Ou seja, a fiar no que nos dizem Anderson e Williams, o agravamento do fenômeno da

corrupção e o aparecimento de figuras brutais como o capitão Nascimento são contemporâneos da ascensão neoliberal e estão, ao contrário do que deseja fazer crer *Tropa de elite*, não em oposição, mas em contiguidade.

No Brasil, a ruína do “detetive racionalmente penetrante”, cujas feições aparecem já no astuto major Vidigal – personagem de Manuel Antônio de Almeida em *Memórias de um sargento de milícias* (1852/1853) –, é também, por sua vez, a ruína de outra figura cara à cultura nacional: o malandro. Desbancando o detetive, o agente brutal da ordem depara não mais com os desvios do ladino popular, mas com a transgressão “espontânea” do *delinquente*. A diferença é de âmbito ideológico. Enquanto o malandro impunha à norma um tom satírico, derrisório, fugindo “às esferas sancionadas pela burguesia”,<sup>10</sup> o delinquente – pensemos em *Laranja mecânica* (1971), de Stanley Kubrick – é a objetivação dessa ideologia em sinal negativo. Diríamos: como personagem, a malemolência do malandro expõe o descompasso tão nosso entre o puritanismo da lei e os favorecimentos inerentes à dinâmica social; por sua vez, o delinquente reitera a lei como imagem complementar, só aparentemente oposta e, no fundo, necessária. Portanto, também não há em *Tropa de elite* alternativa ao ministério da ordem, e, se o malfeitor escapa às garras da morte, não escapa às garras da ideologia de seu perquisidor.

Perdido o malandro, perdeu-se também a contraditória *simpatia* que existia entre ele e a sociedade dita “ordeira”. Para o que nos interessa, a perversão do cidadão comum tornado justiceiro é o ponto final desse itinerário de metamorfoses. Vemos outra vez como *Tropa de elite* parece a expressão mais atual de um aspecto que remonta ao século XIX e que depois testemunhou a interiorização da práxis polícial.

No ensaio “A verdade da repressão”, Antonio Candido se preocupa em mostrar como grandes escritores perceberam a instituição policial na sociedade moderna. A partir de Balzac, descobrimos como essa instituição cumpriu “seu grande papel no mundo burguês e constitucional que então se abria: disfarçar o arbítrio da vontade dos dirigentes por meio da simulação da legalidade”. Seu método de ação mais comum, então, era bifurcar-se em “organização dupla”, com uma parte visível e outra invisível. Esta última seria formada por um “exército impressentido de espíões e alcaguetes”, cidadãos comuns recrutados pelas forças da lei. Para tanto, segundo Candido, “a sociedade suscita milhares de indivíduos de alma convenientemente deformada, [...] puxa para fora [...] a brutalidade, a privação, a frustração, a torpeza, a tara – e os remete à função repressora”. Balzac também teria visto, por meio de seu personagem Vautrin, marginal tornado chefe de polícia, que o transgressor pode não se distinguir, em determinado momento, do repressor.

Interessante notar nessa leitura de Candido o desaparecimento, dos romances de Balzac para *Tropa de elite*, de duas informações: 1) a polícia (falamos sempre do capitão Nascimento e do Bope) como instrumento “da vontade dos dirigentes” no interior de uma luta de classes; 2) a oposição entre transgressor e repressor. No filme, o conflito de classes cede lugar a uma associação entre polícia e justiça, percebida esta na chave de “bandido bom é bandido morto”. Tal associação, para regressar a Candido, surgirá excelente no universo de um escritor posterior a Balzac: Franz Kafka. No início do século XX, o tcheco já teria visto “a polícia como algo inseparável da justiça, e esta assumindo cada vez mais um aspecto de polícia”. Por sua vez, a oposição transgressor vs. repressor se transmuta com a supressão da transgressão. Como vimos, o discurso suspeito da falência da política e do Estado legitima a violência do batalhão, deixando-lhe apenas a face repressora.

O que resiste com ênfase é justamente a *perversão do cidadão à função repressora, ao justiceiro*. À ascensão da figura brutal do capitão Nascimento em detrimento do “detetive racionalmente penetrante” (segundo Raymond Williams) equivale, de maneira coerente, a derrocada do “exército impressentido de espíões e alcaguetes” (como escreveu Candido) em favor do exército pressentido de executores, prontos a ministrar a justiça com as próprias mãos.

### À sombra de Robespierre

Promovidos a cães de guarda no melhor espírito polícial, estamos convencidos de que o inimigo público número um da República tem por nome “corrupção”. Política e polícia se fundem em declarações recentes do governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, que sentenciou: “Não nos enganemos: vivemos em um mundo injusto. O Brasil [...] precisa livrar-se da máquina corrupta”.<sup>11</sup> Como dissemos, quanto mais prementes forem as reivindicações de setores da sociedade brasileira, mais forte o denunciamento da corrupção circulará nos meios políticos e midiáticos.

*Tropa de elite*, antecipando-se ao “segundo junho” de 2013, valeu-se desse tema para expor o que havia de mais pobre no país: uma visão de futuro segundo a qual a resolução da crise não encontra saída em perspectiva político-social, e sim na tara justiceira, que clama pelo endurecimento das penas e pela profusão dos castigos. A “bopização” brasileira separa-nos de uma visão apurada do presente. Qual, então, é a finalidade desse discurso? A dimensão que a prática diária do denunciamento ganhou na estratégia da maioria dos partidos não aponta para outra coisa senão uma temerosa ausência de qualquer projeto nacional, um vazio de propostas políticas, com pautas concretas, que a sequência de escândalos vem encobrir. Moralizar o país se disseminou como medida primaz, tão falsamente atual quanto foi aos militares dos anos de chumbo.

De tudo isso, e com agravantes sérios, a grande mídia é cúmplice. Foi ela quem montou o palco para a farsa de heróis contemporâneos celebrados pelo apanágio de “incorrupíveis”: do capitão Nascimento ao ex-ministro do Superior Tribunal Federal, Joaquim Barbosa. “Incorruptível”, vale lembrar, era a alcunha do líder jacobino francês Maximilien de Robespierre. Sem a mesma estatura política daquele, entretanto, os nossos “incorrupíveis” pretendem prodigalizar o terror da justiça sem aprofundar (e fundar) República alguma. Isso porque já se tornou claro que a pauta urgente deste início de século – inclusive para bastiões do conservadorismo econômico como o Banco Mundial<sup>12</sup> – é justamente aquela deixada em segundo plano durante a Revolução Francesa: a igualdade.

Do rol de temas essenciais que tornaram Robespierre a figura central da Revolução, alguns permanecem como desafios imediatos ao Brasil dos próximos anos. A limitação da propriedade privada em favor de sua função social, a tributação progressiva dos rendimentos, a taxação das grandes riquezas, tudo isso – defendido pelo jacobino – vai contra os compromissos da maioria que se intitula, hoje, guardiã da ética republicana, “incorrupíveis”. Com o perdão da frase tomada a Roberto Schwarz, estes “alinham-se com o poder como quem faz uma revolução”.

De fato, dos temas de que se ocupou Robespierre, nossos principais atores políticos carregam apenas um: a ameaça do “inimigo interno”, a corrupção. Com esse lugar-comum (mais um) do golpe militar de 1964, caminhamos em falso passo, em verdadeiras lutas obstaculizadas. Enquanto denunciamento e tara policiaesca não avançarem para um debate sobre sua relação com privilégios mantidos no país – para uma narração verdadeiramente política do presente –, estaremos condenados a olhar o relógio, sem ponteiro algum.

---

**FÁBIO SALEM DAIE** é jornalista e pesquisador no programa de pós-graduação da Universidade de São Paulo e um dos autores de “Thomas Piketty e o Segredo dos Ricos”, ed Venetta. Ilustração: Daniel Kondo. **Jornal LE MONDE DIPLOMATIQUE.**

## **Policiais miraram Geovane e atingiram a corporação (MALU FONTES)**

**DAR UM** tiro no próprio pé chega a ser uma expressão desrespeitosa com a vítima quando se trata de metaforizar a ação dos policiais da Rondesp que sequestraram o jovem Geovane Mascarenhas, 22 anos, levaram-no no porta-malas de uma viatura para uma das dependências da própria Rondesp, no bairro do Lobato, e lá o torturaram e mataram com todos os requintes de crueldade, culminando com a decapitação. Embora nada justifique tamanha violência, é preciso lembrar que o rapaz foi abordado e sequestrado sem que nenhuma razão houvesse, sequer, para que fosse preso.

Como se fosse pouco, os policiais acusados roubaram a moto e o celular da vítima e, além de decapitar e incendiar o cadáver longe do local da execução, arrancaram do corpo as áreas tatuadas da pele, para dificultar um possível reconhecimento. Antes, desativaram os serviços de geolocalização da viatura, mecanismo obrigatório justamente para servir como dispositivo de controle e evitar esse tipo de irregularidade por parte de policiais utilizando veículos da corporação.

Os 11 envolvidos no caso podem ser ases da violência, nada vai trazer Geovane de volta à vida, mas ainda resta apostar na burrice de agentes do estado que agem assim acreditando que podem driblar tecnologia. Graças a imagens de câmeras do circuito de segurança da rua onde a vítima foi abordada, associadas ao fato de dados do GPS da viatura, mesmo desativado, serem armazenados em um local seguro e distante, foi possível reconstruir todo o trajeto e dar um desfecho ao caso.

Além de produzir um episódio dos mais bárbaros da crônica policial baiana recente, os policiais envolvidos no caso deram um tiro não apenas no pé da Polícia, como instituição, mas na cabeça inteira da própria corporação, a Polícia Militar. Num coletivo de milhares de homens e numa sociedade marcada por índices de violência inaceitáveis, onde dia sim e outro também bandidos cometem atrocidades, periga a sociedade começar a não ver nada demais na atitude de funcionários públicos dementes de perversão capazes de arrancar a cabeça e a pele de um rapaz simplesmente porque sentiram vontade. Se soubessem se expressar, os 11 homens, agora sem nenhum segredo, certamente repetiriam Jânio Quadros com e como cinismo e farsa: fi-lo porque qui-lo.

### **Povo fardado**

Como no poema *Mãos Dadas*, de Carlos Drummond de Andrade, ‘não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas’. O tempo presente é feito de muitas estranhezas, mas não a ponto de ver e aceitar como normal a sociedade aplaudindo policiais que defendem ou praticam logísticas de bandidos. O Geovane de ontem pode ser um amigo ou um familiar seu no futuro e é bom não duvidar. Tem sido comum nas redes de troca de mensagens a circulação de vídeos em que bandidos matam e mutilam com crueldade indescritível alguns rivais. Mais inquietante que essas imagens em si e sua brutalidade é o teor e a intenção do endereçamento. Quem envia sempre quer dizer, mesmo que o faça de modo oblíquo: ‘veja como os bandidos fazem. Você quer que a polícia faça diferente?’ Sim, a Polícia não pode adotar como sua a lógica, a prática e o comportamento do bandido.

Infelizmente, a sociedade está tão doente que há quem ingresse na Polícia justamente para ter licença para agir como os matadores de Geovane. Assim como também há, do lado de cá, hordas sociais urrando em louvor a estes. Fala-se em despreparo, em falta de treinamento dos policiais, mas em toda a família que se diz de bem há, hoje, alguém os instigando e pedindo sangue nas ruas. Como ouvi de uma voz sensata recentemente, ‘a polícia é o povo fardado’.

---

**MALU FONTES** é Doutora em Cultura pela UFBA, jornalista e professora de Jornalismo da mesma Universidade. **Jornal CORREIO, Abril de 2015.**

## Desumanização e saqueadores de encostas (MALU FONTES)

**OS ÚLTIMOS** dias foram marcados por novos capítulos de uma tragédia em série que Salvador já conhece há décadas. Mas conhecer não é acostumar-se nem deixar de se alarmar e comover. Mais uma sucessão de deslizamento de terras. Dessa vez, foram 15 os mortos e, como o período de chuvas ainda não acabou, infelizmente isso não significa garantir que 2015 encerrou sua cota trágica.

A cada chuva, no Inverno ou no Verão, e diante dos alagamentos, repete-se na cidade, feito um mantra já com seu sentido desgastado e puído: Salvador não está preparada para as chuvas. É verdade. Não está, embora já tenha estado muito menos. Diante da repetição dessa frase, uma segunda pergunta deveria se impor: no Brasil, onde historicamente pouquíssimo se investe em saneamento, qual cidade está preparada para chuvas e tempestades?

O trânsito trava, ruas alagam, terras deslizam, a vida inviabiliza-se. Seja em Santa Catarina, Minas Gerais, no Paraná, em São Paulo, na região serrana fluminense e nas vilas ribeirinhas do Rio Acre. Em todos esses lugares e em muitos outros, houve tragédias antigas e recentes que parecem fadadas a repetirem-se. Diante da temporada de chuvas, que varia uns meses para a frente e outros para trás, dependendo da região brasileira, a população acompanha ano após ano a via-crúcis de milhões de desabrigados, prejuízos econômicos, mortes, fome, sede e comoção.

O poder público, nas esferas municipal, estadual e federal, sempre pode e deve fazer muito em políticas públicas para reduzir os impactos da chuva, mas não sejamos ingênuos: evitar tragédias completamente? Parece que nossa geração não viverá para isso. Se é que alguma viverá, fenômenos naturais causam tragédias em qualquer lugar do mundo.

Os Estados Unidos, com todo o arsenal econômico e com toda a tecnologia que permite prever a chegada de tormentas, tornados e nevascas, nem assim conseguem evitar que centenas ou milhares de americanos percam a vida ou fiquem gravemente feridos todos os anos por conta desses fenômenos.

### SOCIEDADE DOENTE

Em Salvador, o calcanhar de Aquiles é outro. Praticamente toda a cidade pobre está pendurada em encostas e a maioria das pessoas que vivem nesses lugares fez uma escolha que, sob o ponto de vista delas, é pragmática: não há dinheiro para comprar terrenos planos para construir.

Quando há, estão há anos luz de locais de trabalho, de acesso a transporte e de toda a sorte de serviços, como saúde e educação. O fato é que as vítimas não podem ser responsabilizadas pela própria morte e cabe às autoridades se virar nos trinta para solucionar esse impasse. Se elas ficarem nas encostas, morrerão.

Se forem removidas, as opções são para onde o vento faz a curva e ninguém quer ir. Enquanto essa discussão permanecerá com tons de que vai ter a mesma velocidade que a resposta sobre o sexo dos anjos ou sobre se a primazia é do ovo ou da galinha, algo tão trágico e assombroso quanto a realidade cruel das encostas é a sordidez humana, é a constatação de que pessoas tão desprovidas de tudo quanto aquelas que perderam a vida ou o chão onde construíram a vida não têm sequer o sentimento de compaixão.

Que sociedade doente é essa, que pobreza é esta, que faz com que gente que deve ter filhos, irmãos, pais, mães, que deve acreditar em alguma divindade, desumaniza-se numa hora dessas ao ponto de saquear o pouquíssimo que sobrou da vida de quem teve sua casa condenada numa encosta?

É notícia nos jornais o drama de quem saiu de casa no meio da noite e da chuva para não morrer e agora ainda sofre ao descobrir que os objetos de uma vida inteira foram saqueados. Resta a constatação: o projeto de civilização deu completamente errado por algumas bandas do mundo. Nós somos uma delas e a culpa não é de Brasília.

---

**MALU FONTES** é Doutora em Cultura pela UFBA, jornalista e professora de Jornalismo da mesma Universidade. **Jornal CORREIO, Maio de 2015.**

## O mundo nunca teve rumo (LUIZ FELIPE PONDÉ)

**MUITAS** vezes escutamos frases como "o mundo está pegando fogo" ou "nunca houve tanta violência".

Outra vez, algumas pessoas, querendo ser mais precisas, levantam questões como "não está pior, apenas tem mais mídia e, por isso, sabemos de tudo mais rápido".

Ou ainda: "agora tem mais gente no mundo, por isso, mais violência". Alguns, mais "místicos", arriscam ideias de que mesmo terremotos se acumulam na Terra agora.

Enfim, comparações assim tendem a ser inconsistentes porque simplesmente não temos como saber como era a violência há cem mil anos ou quantos terremotos aconteceram há 500 mil anos (provavelmente, bem mais do que agora, aliás).

Se contássemos as pessoas que os marxistas mataram no século 20 deixaríamos qualquer jihadista inseguro com relação a sua eficácia assassina. Quanto à fome, bem, sempre houve pobreza no mundo, porque a pobreza é como a gravidade --quem parar de bater as asas cai nela de volta. A riqueza é que é a coisa nova na face da Terra.

Mas, ainda assim, muitos continuam a ficar perplexos com o mundo contemporâneo. O número de mortes causadas pelo terrorismo! Africanos mortos tentando chegar a Europa! Fome na África! A Rússia engolindo a Ucrânia! Os Estados

Unidos do Obama mais perdidos do que cego em tiroteio com o projeto nuclear do Irã! A Europa, coitada, se esforçando para manter a dignidade em cima do salto alto!

A China continua indiferente ao papo que Marx chamava de "humanismo burguês", ou seja, nossa hipocrisia ao fingirmos que nos preocupamos com o sofrimento alheio para jantarmos com a consciência limpa no sábado a noite com amigos.

Quer ver? Apesar de berrarmos "é proibido crianças trabalharem em condição de escravidão", continuamos a gostar de preços baixos no shopping.

No Oriente Médio, os países insistem em não dialogar e resistem à máxima "ame ao próximo como a ti mesmo" (como se ela tivesse algo de óbvio). O Islã continua a dividir o mundo entre "o reino do Islã" (ou da paz e da submissão) e "o reino da guerra" (todo o resto a ser combatido e convertido). Os israelenses continuam a fazer a conta e chegar à conclusão de que os árabes tem muito mais terra e, por isso, deveriam cuidar dos seus (os palestinos).

Afinal, o que toda essa gente tem na cabeça? "Como assim?!", grita o tolinho de plantão. O mundo continua deixando um rastro de sangue por onde passa? Afinal, o mundo teria perdido seu rumo?

Não, o mundo nunca teve rumo. E nunca terá. Mesmo quando vive séculos sob a força de um ou mais poderes "globais", toda ordem mundial é, no fim, uma forma de ilusão ou provincianismo geográfico.

A única coisa que permanece na "ordem global" é o processo interminável de povos devorando outros povos, como dizia o crítico americano Edmund Wilson.

Mas, por uns poucos séculos, achamos que tínhamos uma ordem global --pelo menos pensavam assim os europeus e os americanos.

Segundo o que nos diz Henry Kissinger (que ocupou cargos importantes em geopolítica nos governos de Richard Nixon e Gerald Ford nos anos 1970) no seu brilhante "Ordem Mundial" (ed. Objetiva, R\$ 54,90, 432 págs.), do século 17 ao final do 20, vivemos mais ou menos sob a crença na existência de Estados independentes como unidade mínima geopolítica.

Essa ideia, herdada da Paz de Vestfália (1648), assinada entre católicos e protestantes para por fim à guerra dos trinta anos no que hoje chamamos de Alemanha, a grosso modo.

Segundo o tratado, pouco importa no que se acredita em cada Estado, contanto que a violência entre os Estados seja reduzida ao seu mínimo possível. Logo, ninguém se mete na vida interna do outro Estado e se respeita as fronteiras.

Essas unidades geopolíticas agiriam segundo o princípio de redução da violência entre todos, presumindo uma paz pragmática como o melhor dos mundos possível. E, neste mundo, os negócios progrediriam, assim como nos comerciais da CNN.

Infelizmente, o mundo nunca teve rumo. Um dos maiores equívocos de nós modernos, filhos da ordem burguesa de Vestfália, é pensarmos que todos "só querem ganhar dinheiro e viver na monotonia da paz".

---

**LUIZ FELIPE PONDÉ** é filósofo, escritor e ensaísta, doutor pela USP, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e da Faap, discute temas como comportamento contemporâneo, religião, niilismo, ciência. Autor de vários títulos, entre eles, 'Contra um mundo melhor' (Ed. LeYa). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Maio de 2015.**

## Álvaro, me adiciona (GREGORIO DUVIVIER)

"**NUNCA** conheci quem tivesse levado porrada. Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo." Espanta que Álvaro de Campos tenha dito isso antes do advento das redes sociais. O heterônimo parece estar falando da minha timeline: "Arre, estou farto de semideuses! Onde é que há gente no mundo?".

Todo post é autoelogioso. Não se deixe enganar. Talvez você pense o contrário: meu Facebook só tem gente reclamando da vida. Olhe de novo. Por trás de cada reclamação, de cada protesto, de cada autocrítica, perceba, camufladinha, a vontade de parecer melhor que o resto do mundo.

"Humblebrag" é uma palavra que faz falta em português. Composta pela junção das palavras humble (humilde) e brag (gabar-se), seria algo como a gabação modesta. Em vez de simplesmente gabar-se: "Ganhei um prêmio de melhor ator no Festival de Gramado", você diz: "O Festival de Gramado está muito decadente. Para vocês terem uma ideia, me deram um prêmio de melhor ator". Ou então: "Pessoal, moro num apartamento mínimo! Por favor parem de me dar prêmios, não tenho mais onde guardá-los. Grato".

O "humblebragging" pode tomar muitas formas. "Tenho um defeito terrível. Sou perfeccionista". Ou então: "Tenho uma falha imperdoável. Sou sincero demais". Quero ver alguém falar a verdade: "Tenho um defeito: só penso em mim mesmo, o que faz com que eu seja pouquíssimo confiável --além de ter uma higiene deplorável". Não menos sutil é o elogio-bumerangue. Você começa falando bem de alguém. Ali, no meio do elogio alheio, você encaixa uma menção a si mesmo, disfarçadinha. "O Rafa é muito humano, parceiro, sincero. Se não fosse ele, eu nunca teria chegado onde cheguei, e criado o maior canal do YouTube brasileiro. Obrigado, Rafa. Obrigado."

O elogio-bumerangue tem uma subdivisão especialmente macabra: o elogio bumerangue-post-mortem, no qual você aproveita os holofotes gerados pela morte de alguém para chamar atenção para si (às vezes até atribuindo palavras ao defunto). "O Zé era um gênio. Ainda por cima muito generoso. Foi a primeira pessoa a perceber o meu talento como ator. Um dia me disse: Gregório, você é o melhor ator da sua geração. Obrigado, Zé. Obrigado."

Atenção: se todo post é vaidoso, toda coluna também. Percebam o uso de palavras em inglês, a citação a Fernando Pessoa. Tudo o que eu mais quero é que vocês me achem o máximo. "Então sou só eu que sou vil e errôneo nessa terra?" Não, Álvaro. Me adiciona.

---

**GREGORIO DUVIVIER** é ator e escritor. É um dos fundadores do portal de humor Porta dos Fundos e colunista da Folha. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Maio de 2015.**

## **A internet informa: 'O tradicional é eficiente' (CARLOS FERNANDO LINDENBERG NETO)**

**SE TODOS** estão hoje ligados à internet e inseridos nas redes sociais, a melhor forma de anunciar uma marca, um produto ou um serviço é por meio da internet e das redes sociais, certo? Errado. Que o digam Facebook, Google e Apple, estrelas desse novo mundo da comunicação.

Levantamento realizado recentemente pelo jornal "Financial Times" mostra que essas empresas vem aumentando cada vez mais seus investimentos em publicidade nas chamadas "mídias tradicionais", como televisão, outdoor e jornal.

Também recentemente, um dos maiores nomes da publicidade mundial, Martin Sorrell, presidente da WPP, poderosa multinacional do setor, afirmou em grande evento de comunicação do Reino Unido que anunciantes e agências deveriam investir mais na mídia impressa, em função da eficiência que jornais e revistas têm na construção de marcas e fixação de mensagens junto aos consumidores.

Aqui no Brasil, importantes lideranças do mercado publicitário, como Nizan Guanaes (Grupo ABC), Orlando Marques (Publicis) e Luiz Lara (Lew\ Lara\TBWA), têm dito repetidamente e com grande ênfase que o ambiente da internet, por sua natureza, é dispersivo e que os investimentos publicitários ganham em eficiência nas "mídias tradicionais".

Publicidade é investimento que precisa produzir retorno. Verdade tão simples parece estar voltando à tona depois de um período em que o impacto da internet e das mídias digitais deslumbrou a todos. Vejam o caso dos jornais: pesquisa realizada pela Secretaria de Comunicação da Presidência da República mostra que os jornais estão à frente das demais mídias, incluindo redes sociais, como campeões de credibilidade.

As pessoas simplesmente acreditam mais naquilo que é noticiado e anunciado nos jornais - seja no impresso ou digital. Nada mais lógico, portanto, do que anunciar nos jornais, que, somadas as plataformas impressa digital, têm audiência cada vez maior, e uma audiência altamente qualificada e formadora de opinião em todos segmentos do mercado consumidor. O que temos hoje, então, é que, depois de terem surfado na onda da novidade, as próprias grandes empresas do admirável mundo novo da comunicação buscam as "mídias tradicionais" para consolidar as marcas que construíram com tanta competência.

Uma evolução em que a principal lição é que o mercado se sofisticou, cresceu, mas permanecem os diferenciais positivos de cada mídia. Pesquisa da Nielsen no Reino Unido mostra que até agora, em 2015, o Facebook investiu 375 vezes mais em publicidade nas "mídias tradicionais" do que em todo no ano passado. Não é preciso dizer mais nada. E nem estamos aqui tratando de como essas gigantes da internet --como Facebook, Google e YouTube - se utilizam dos conteúdos produzidos pelas "mídias tradicionais" para ganharem presença junto às suas audiências. Alguém pode imaginar o Google sem a possibilidade de acesso aos sites dos jornais?

Resumo da ópera: "Mídias tradicionais", como os jornais, como esta **Folha** que você está lendo agora, são indispensáveis e eficientes. Perguntem ao Facebook.

---

**CARLOS FERNANDO LINDENBERG NETO**, 48, diretor-geral da Rede Gazeta do Espírito Santo, é presidente da ANJ - Associação Nacional de Jornais. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Maio de 2015.**

## **Lições da educação infantil (ROSELY SAYÃO)**

**DE UNS 15** anos para cá, passamos a ter boas escolas de educação infantil. Antes disso, já tínhamos algumas, aqui e acolá, que respeitavam a primeira infância, ouviam as crianças, reconheciam sua potência de aprendizagem no ato de brincar e não as separavam por idade ou data de fabricação, como diz Ken Robinson, britânico estudioso da educação e inovação.

Esse número passou a se multiplicar devido a influências teórico-metodológicas e de experiências em escolas pelo mundo. Por isso, hoje, já é possível encontrar uma escola para crianças com menos de seis anos em que o currículo não seja apenas um elenco de conteúdos, em que o ato de brincar seja a principal atividade para a criança, em que não haja uma profusão de brinquedos prontos e em que haja professores com formação contínua e em serviço.

Está certo que, em relação ao número de creches e de escolas de educação infantil que temos no país, essas ainda são minoria, mas já é uma boa notícia saber que elas existem. Nessas escolas, as crianças aprendem a se concentrar porque a brincadeira exige isso e porque elas participam ativamente da escolha da brincadeira, seja em grupo, seja pessoalmente. Aprendem também a fazer perguntas e a pesquisar para buscar respostas, a exercitar sua criatividade, a colocar a mão na massa em tudo. Atenção: na massa e não, necessariamente, na massinha.

Os alunos aprendem, também, a conviver: os professores aproveitam todas as ocasiões para dar oportunidades de a criança aprender a ver e a considerar o seu par, a esperar a sua vez, a simbolizar em palavras o que sente e pensa, a viver em grupo e a ser solidária. É uma pena que as escolas de ensino fundamental e médio não tenham humildade para olhar com atenção para as de educação infantil e aprender com elas. Há uma hierarquia escolar espantosa, caro leitor: as escolas de graduação pensam que praticam um ensino "superior"; as de ensino médio se consideram mais especializadas no conhecimento sistematizado do que a escola de ensino fundamental; e todas pensam que a de educação infantil não exige conhecimento científico.

Para você ter uma ideia de como isso se materializa, dou um exemplo: uma professora que trabalhava na educação infantil da rede pública que é comprometida, estudiosa e pesquisadora, ouviu, na avaliação final do ano passado, de sua diretora: "É um desperdício você ficar na educação infantil". Foi transferida para o ensino fundamental. As escolas de ensino fundamental e médio precisam se inspirar nas de educação infantil e não deixar o aluno ser totalmente passivo em sua aprendizagem: ele precisa, para se motivar, fazer algumas escolhas.

O aluno que participou, de alguma maneira, da escolha do que deve estudar e aprender e do modo de fazer isso não se distrai com tanta facilidade. E é bom lembrar que uma das maiores queixas em relação aos alunos é exatamente a falta de atenção, de foco e de concentração. Precisam também reconhecer que aprende mais quem pratica o que deve aprender. Como eu já disse: mão na massa! Ninguém merece ficar horas em aulas expositivas ou arremedos de trabalho em grupo.

O que as famílias têm a ver com isso? Tudo! Quando a sociedade questionar verdadeiramente a organização escolar atual, certamente teremos mudanças. Mas, até agora, vemos mais conformismo e adesão do que questionamentos, não é verdade?

---

**ROSELY SAYÃO** é psicóloga e consultora em educação, fala sobre as principais dificuldades vividas pela família e pela escola no ato de educar e dialoga sobre o dia-a-dia dessa relação. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Abril de 2015.**

## **A crise de meia-idade (CONTARDO CALLIGARIS)**

**JÁ PASSEI** da meia-idade. Segundo várias pesquisas, isso significa que, agora, ficando idoso, eu serei bem mais feliz do que há 20 anos, por exemplo. Essa felicidade deve durar e subir até que cheguem as verdadeiras limitações impostas pelo envelhecimento e as eventuais doenças invalidantes. A meia-idade parece ser uma fossa pela qual todos passamos: pior que a adolescência e os anos do jovem adulto, e pior do que a terceira idade.

Essa fossa inevitável consistiria numa decepção com o que a gente conseguiu na vida até então: uma tristeza ao constatar que o horizonte final se aproxima e que, portanto, começos radicalmente novos seriam difíceis e tardios. Isso, acompanhado por uma tendência a fazer besteiras para provar que, ao contrário, a vida acaba de começar - desde comprar um conversível importado até se casar com alguém de 19 anos.

Não me parece que eu tenha vivido uma crise de meia-idade típica. Mas alguns amigos brasileiros me lembram que, de fato, foi bem na época da tal crise que eu deixei Paris e me instalei no Brasil. Bom, não sei se foi uma besteira da meia-idade; de qualquer forma, não me arrependo. Enfim, recebo pedidos de atendimento de homens e mulheres que sofrem da dita crise da meia-idade. Alguns supõem que a crise tenha alguma causa química "natural".

Afinal, eles estão, nesta altura da vida, onde esperavam estar; sim, claro, há dificuldades, sempre há, mas nada que justifique seu mal-estar. O que será? Uma espécie de pré-menopausa ou pré-andropausa? Uma alteração hormonal que chega junto com os 40? Recentemente, uma pesquisa de C. Graham e M. Nikolova (da Brookings Institution) confirmou a conhecida "curva em U" da felicidade: ao longo dos anos de uma vida, a curva do bem-estar (corrigida pelas variáveis óbvias - emprego, situação financeira, saúde etc.) é uma linha que despenca entre os 35 e 55 e depois sobe até o fim da vida.

Num artigo recente sobre a meia-idade, na revista "The Atlantic" de dezembro de 2014, Jonathan Rauch cita uma pesquisa de primatólogos segundo a qual chimpanzés e orangotangos, ao longo da vida, passariam por curva análoga à humana. Tenho uma confiança limitada nos questionários que permitem essa pesquisa e que são preenchidos por cuidadores de zoológico, veterinários etc., os quais, inevitavelmente, tendem a projetar seus sentimentos nos primatas com os quais lidam.

A pesquisa dos primatólogos me parece sobretudo expressar nossa vontade de confirmar a hipótese de uma explicação biológica pela crise da meia-idade. No extremo oposto, Rauch nota que a crise da meia-idade é uma ideia que ganhou força nos anos 1950 e 60, bem quando inventamos a adolescência. Nos mesmos anos, nossa cultura passou a cultivar duas imagens contrastantes e complementares: a de uma adolescência inquieta e intolerante da moratória imposta pela necessidade de se preparar para o futuro, e a de uma meia-idade em que o futuro chegou e, mesmo que ele seja parecido com o sonho, surge a pergunta: era isso mesmo? Só isso?

Mas voltemos à queixa de quem sofre da crise da meia-idade e pede alívio, químico ou psicoterapêutico. Para aceitar uma derrota ou uma perda na nossa história, podemos pedir ajuda a um psicoterapeuta, ou podemos pedir um remédio que nos permita sofrer menos. Também podemos recorrer à mesma ajuda para lidar com sintomas ou com transtornos de personalidade que nos imobilizam e tornam nossa vida impossível.

Mas os 40 anos não são uma "doença". E se deprimir por ter chegado aos 40 não é a mesma coisa que ficar triste porque a gente perdeu alguém, separou-se ou foi demitido. Ou seja, a meia-idade não é nem um acidente nem um transtorno. Se ela acarreta uma dor específica, é uma dor que vai junto com a própria vida humana, uma dor existencial. As dores existenciais também podem ser atenuadas - embora o caminho para se desfazer de algumas delas seja árduo (para se esquecer mesmo da finitude da vida, por exemplo, só com propofol ou crack).

No caso da meia-idade, certamente é possível aliviar a decepção de quem aprecia as aspirações passadas, decisões, renúncias e não sabe dizer se viveu o que queria. Mas cuidado: aliviar não implica considerar a meia-idade como se fosse um diagnóstico possível. Em outras palavras, é bom não confundir as dores da existência com transtornos que precisariam ser tratados.

---

**CONTARDO CALLIGARIS** é psicanalista, doutor em psicologia clínica e escritor. Ensinou Estudos Culturais na New School de NY e foi professor de antropologia médica na Universidade da Califórnia em Berkeley. Reflete sobre cultura, modernidade e as aventuras do espírito contemporâneo (patológicas e ordinárias). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Maio de 2015.**

## **Vacina contra a dengue é preciso (MARCELO DE FRANCO, CARLOS WENDEL MAGALHÃES E JORGE KALIL)**

**O PROGRAMA** Nacional de Imunização (PNI), do Ministério da Saúde, completou 40 anos em 2014, sendo um exemplo de sucesso. Suas campanhas têm alcance médio de 90% da população almejada, enquanto em outras partes do mundo verificamos níveis preocupantes de 30 a 40%, o que explica surtos recentes de sarampo, rubéola e coqueluche nos EUA e Europa.

Os principais agentes desse programa são os laboratórios públicos oficiais, que garantem ao ministério a disponibilidade de vacinas com preços compatíveis. Os dois maiores produtores são Biomanguinhos e Instituto Butantan, responsáveis por 80% dos soros e vacinas disponibilizados ao PNI. Ambos lutam, no entanto, para readequar suas plantas produtivas aos regulamentos impostos pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) para atender as boas práticas de fabricação. Essas ações aumentam a segurança e a qualidade dos produtos, porém demandam recursos volumosos, atualmente escassos no setor público.

O Instituto Butantan, por ser um departamento da Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo e não ter personalidade jurídica, confeccionou um modelo de terceiro setor em 1989, criando a Fundação Butantan para administrar de forma segura e ágil os recursos advindos de sua produção de imunobiológicos. Essa arquitetura ganhou robustez e confiabilidade com um choque de gestão feito em 2012, quando o diretor do Instituto Butantan, Jorge Kalil, assumiu a presidência da Fundação Butantan, por sugestão do Ministério Público, representado pela curadoria das fundações do Estado de São Paulo.

Em novo formato, a fundação passou a ter papel administrativo e financeiro alinhado e incorporado ao instituto, permitindo um modelo de gestão equilibrado e assertivo. Os resultados apareceram com a primeira certificação de boas práticas para a linha de produção, formulação, envase e empacotamento da vacina da gripe, única no Brasil. Vem sendo também possível modernizar infraestruturas prediais, de informática, telefonia e segurança de trabalho, assim como, melhorias no atendimento aos funcionários, limpeza e vigilância, as quais não são possíveis ao Estado.

Como todo choque causa reações corporativas e sindicais, várias denúncias de abusos e descontroles foram levantadas de forma anônima e sem fundamentos, sendo arquivadas em sua totalidade. Com esse modelo, está sendo possível adequar a instituição às demandas regulatórias da Anvisa, do Ibama e de outros agentes, bem como investir em novos projetos, como a vacina da dengue. Os estudos da fase dois - segurança e eficácia em grupo reduzido de pessoas - são muito promissores, o que nos levou a agilizar a fase três (grupo ampliado), última antes da disponibilização dessa vacina para a população.

É preciso que governos federal, estadual e municipal, agências regulatórias e Instituto Butantan marchem unidos para a frente de batalha contra a dengue e outras doenças infecciosas de forma coordenada para que possamos encontrar os meios e recursos necessários para vencer esta guerra. O Instituto Butantan está pronto e organizado, além de saber que pode contar com seus gestores neste desafio, pois vacinar é preciso.

---

**MARCELO DE FRANCO**, 51, é diretor substituto do Instituto Butantan. **CARLOS WENDEL MAGALHÃES**, 56, é superintendente da Fundação Butantan. **JORGE KALIL**, 61, é diretor do Instituto Butantan e presidente da Fundação Butantan. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Abril de 2015.**